



BATALHA DE TUIUTI

24 DE MAIO DE 1866



(Das "Reminiscências da Guerra do Paraguai", de Dionísio Cerqueira)

NA VÉSPERA

O meu batalhão tinha, como disse, a honra de pertencer à divisão do general Sampaio, a terceira do Exército. Comandava-o o tenente-coronel Pereira de Carvalho, inteligente, bom manobrista, e com fama de não ter *rival na pena*. Foi, depois barão de São Sepé, marechal e conselheiro de guerra.

Acampávamos na vanguarda, à extrema esquerda. A famosa artilharia do grande velho Mallet, estava à nossa direita. O general Osório, com o exemplo da bateria do capitão Cardoso de Mello, tomada pelo inimigo no combate de 2 de Maio, ordenara, logo que chegamos ao Tuiuti, no dia 20, a construção de um grande espaldão para abrigar o regimento. A nossa esquerda acampavam - o 6º de Infantaria e outros batalhões de linha e de voluntários - e, por último, o 11º comandado pelo heróico major Cavalvanti, daquela plêiade memorável de capitães do 1º de Fuzileiros da Côte, que tanto ilustrava a nossa história militar - Guimarães Peixoto, Valporto, Cavalcanti, Azevedo, Eduardo Fonseca, Valente...

Para lá do 11º de voluntários, estendiam-se banhados rasos, macegais baixos e areais cobertos de *barbas de bode*; além fechava a perspectiva a mata misteriosa, com as suas *bocainas* largas e trilhas estreitas e tortuosas por onde o inimigo, astuto como os homens de sua raça, nos vinha espreitar, vigiar-nos os movimentos, perscrutar a nossa vida de acampamento, e, até, contar os nossos homens, os nossos canhões e as nossas carretas de transporte. Nós não tivemos a curiosidade, aliás, muito natural, de conhecer os segredos daqueles bosques. Não postamos ali nem piquetes avançados, nem vedetas, ao menos. Do outro lado da mata, estava o Potreiro Pires.

O general Flores acampava à esquerda da artilharia e o general Mitre à direita. O general Osório, em uma eminência, no centro do grande exército, parecia o comandante em chefe.

À direita do quartel-general, ficara o comércio e, à retaguarda, o pesadíssimo trem de transporte e o hospital.

Era o meado do outono. Naquelas paragens, próximas de dois rios imensos, cobertas de lagoas e banhados, de densas florestas e extensos esteros, a umidade era grande e a temperatura baixava muito.

Estávamos a 23 de maio. Tinha acabado de devorar, com um apetite de 18 anos, um magro churrasco, que mais parecia carne daqueles *mocós* moqueados, vendido, aos centos, pelos meus patrícios de Feira de Santana, e servia - o clássico *chimarrão* num *porongo* de litro; quando se perfilou diante de mim, o cabo de dia da 7ª companhia, estendendo-me o *caderno da ordem*. Li que estava escalado para faxina de lenha no dia seguinte, e que, ao meio dia o batalhão deveria formar a *meia marcha*, não faltando praça alguma, - nem mesmo os bagageiros e camaradas dos senhores oficiais. Na *lembrança*, o comandante recomendava aos comandantes de companhia que passassem, antes, revista de armamentos. Íamos reconhecer as posições paraguaias. Ao toque de recolher, às oito horas da noite, todos os corpos formaram. Depois da chamada, os sargentos puxaram as companhias para a *frente da bandeira* e rezou-se o terço.

Algumas praças, os melhores cantores, entoaram com voz vibrante, sonora e cheia de sentimento, a velha oração do soldado brasileiro: "Oh! Virgem da Conceição, Maria imaculada, vós sois a advogada dos pecadores, e a todos encheis de graça com a vossa feliz grandeza; vós sois dos céus princesa, e do Espírito Santo esposa, Maria, mãe de graça, mãe de misericórdia, livrai-nos do inimigo e protegei-nos na hora da morte. Amém". As músicas de quarenta batalhões acompanhavam impressivas aquela grande prece ao luar, rezada tão longe dos lares queridos.

Tocou depois, *ajoelhar corpos*. Todos aqueles homens simples, rudes e crentes, que se iam bater como leões no dia seguinte, cairão de joelhos, e, com as mãos musculosas, apertando os largos peitos valorosos, entoaram, cheios de contrição e de fé, o "Senhor Deus, misericórdia".

A minha companhia estava de prontidão no quarto das nove às onze. Ao toque de silêncio, entramos em forma. Depois de soar a última nota das cornetas do exército, vibrou nos ares, maviosa e plangente, a do corneteiro-mor do 7º de Voluntários, batalhão de São Paulo. Era um verdadeiro artista esse paulista agigantado; tinha o orgulho da profissão; não tocava regulamentarmente como os outros: floreava, tremia, chorava, gemia e cantava; executava o toque como um hino de saudade e terminava lento, suave e muito triste, até morrer como um gemido longínquo, confundindo-se com o silêncio da noite.

Como nos comovia o toque de silêncio do corneteiro-mor do 7º de São Paulo! Que saudade tenho ainda daqueles tempos! ...

Às onze, fomos rendidos pela 8ª companhia e dormimos, ouvindo o tinir das varetas batidas pelas vedetas próximas.

NO DIA

O 24 de maio amanheceu claro e sereno.

Antes da alvorada formamos para o *alarma*. Vimos, pouco a pouco, surgindo da escuridão, as alvas tendas do grande exército, estendidas em colunas por aquelas cochilas afora. Depois, os tons róseos da madrugada alta foram se tingido de púrpura e dourando-se à aproximação do sol que se levantando rubro, achatado, rutilo e cortado, ao meio, por uma cinta esbranquiçada e fina de *stratus*, como uma ágatha imensa onde o gênio do Brasil gravaria, com aqueles esplendores, uma data das mais memoráveis da sua história.

Antes do toque de parada, tocou faxina. Os sargentos entregaram ao *brigada*, os homens escalados. Recebi-os do ajudante: eram vinte. Mandeí - *três à direita, volver* - e marcheí com eles para a mata da esquerda. Ali, ensarilharam as armas e dispersaram-se em busca da lenha. Fiquei só junto ao sarilho. Passava o tempo, e devagar. Olhei para o relógio; eram mais de 10 horas. Dai a pouco, fez alto, na minha frente o soldado José de Barros; *quadrou-se* levou a mão direita à pala do boné, e disse, em voz clara e bem timbrada, com o sotaque de sertanejo:

- Saiba vossa senhoria, só alferes, que o mato está *vermelhando* de caboclos.

Encarei-o; não parecia assustado. Fui ver se era verdade: penetrei no bosque por uma das tortuosas trilhas, e esguardei a espessura sombria e logo, meio ocultos pelas árvores, vultos vermelhos apareciam cobertos por grande barretinas de sola: eram os paraguaios.

Ou não nos viram, ou fingiram não nos perceber por lhe não convir se denunciarem com um ataque. Éramos tão poucos...

Alguns dos nossos homens já voltavam ao sarilho, com os feixes de lenha aos ombros. Mandeí chamar os outros; formei-os, e segui para o acampamento.

Mal dava parte do que vira e entregava a lenha ao oficial de estado, detonou sobre as nossas cabeças uma granada inimiga.

Ao estrondo, seguiu-se o toque de *sentido e chamada ligeira*: todos correram às armas.

A granada fora sinal de ataque geral. O 4º, meu batalhão entrou em forma, rápido como um relâmpago, e, mais rápido ainda, meteu em linha, frente à esquerda.

Avançava sobre nós, a galope, um regimento de cavalaria inimiga. Ia chocar-se com as duas primeiras companhias. As outras, as da esquerda, tinham pela frente uma lagoa bastante funda. Em fileira dupla apenas, resistimos ao choque. Não pôde rompê-las nem retroceder. É que tinha pela frente os nossos bravos, cheios de ardor nessa primeira vez em que combatíamos deveras, e pela retaguarda, outros corpos da cavalaria paraguaia que também avançavam.

Desfilou então, para a esquerda, ao trote, entre nós e a lagoa.

Fuzilávamo-los eficazmente, quase a queima roupa. Manobrou para nos cortar a retaguarda. Debalde, o nosso fogo era tremendo e a linha muito extensa.

Cada um dos oito pelotões formara com trinta e quatro filas. O batalhão tinha mais de 210 metros de frente. O terreno era meio atoladiço. Do trote passaram ao passo, os bravos guerreiros de Lopez, que iam caindo, dando lançadas e talhos de espada inutilmente.

Nós os batíamos de flanco. Os nossos soldados entusiasmado, ardentes, saíam das fileiras, e os atacavam a baioneta. Foi um morticínio medonho: poucos escaparam.

Grandes colunas de infantaria inimiga surgiam pelas *bocainas* da esquerda e acometiam a nossa 3ª divisão.

Sampaio cavalgava, trajando o seu belo uniforme de general, bordado a ouro, à frente das suas tropas: mandou estender linhas e avançar. O nosso ímpeto foi violento. O inimigo recuou até à mata. Voltou, depois, e carregou sobre nós com bravura. Retrocedemos, pelejando.

À nossa esquerda, combatia também em retirada, o 6º de Voluntários, depois 33º comandado pelo Valente.

O terreno era pesado. Às vezes, atolava. Caminhava-se dificilmente. Os paraguaios avançavam lentos; calmos. Nós já protegidos pela ponta da lagoa, os fuzilávamos quase de flanco.

Vi então, alguns oficiais inimigos darem de prancha nos soldados para que avançassem. Sempre há gente que ama mais a vida que a honra.

Avançavam; e os nossos do 6º recuavam fazendo fogo, como se estivessem em dia de exercício, manobrando ao toque de corneta. O comandante Agnello Valente, alto, magro, simpático e sereno, estacou o cavalo: estendeu a espada horizontalmente e mandou tocar - *alto frente*. O 6º já pisava terreno sólido; o chão estava seco. Os paraguaios continuavam a avançar, lentamente e fazendo fogo; nós os fuzilávamos sempre, e pelo flanco; presenciando, cheios de ansiedade, a grandiosa cena.

A distância entre a coluna inimiga e os nossos voluntários ia diminuindo a olhos vistos. O comandante Valente firmou-se nos estribos, ergueu-se sobre a sela, encarou o inimigo, e falou ao corneta: soou vibrante e alegre, o toque de avançar.

As baionetas já estavam armadas. Os bravos filhos do Brasil deram um viva entusiástico à Pátria, e marcharam impávidos sobre a coluna, que avançava lenta, majestosa, solene.

Que momento aquele!

Vibrou o som festivo do toque de acelerado, e, logo após, os ares estrugiram com o mais grandioso de todos - o toque de carga, - que foi repetido por toda a banda. Os nossos rapazes cruzaram baioneta, e correram, impetuosos e vivos, sobre o inimigo que fez alto.

Parou?! estava perdido.

As duas linhas chocaram-se. As nossas baionetas penetraram nos peitos dos mais bravos daqueles heróis e nas costas dos outros que, embora valentes recuavam em debandada. Batemos palmas, orgulhosos dos nossos companheiros, e das linhas dos veteranos do 4º de Infantaria, ergueu-se um viva delirante ao 6º de Voluntários, que seguia, como louco, ferindo e matando, e juncando de cadáveres a terra paraguaia, tão ensopada, naquele dia, com o sangue de seus valorosos filhos.

O cabo Militão, veterano da guerra do Rosas, e filho de Pilão Arcado exclamava: - Valente como o defunto sô coronel Victor.

O velho baiano tinha sido praça do *Treme-terra*.

O 4º avançou também.

Novas colunas, de cor avermelhada e armas cintilantes, surgiam após outras, do verde-escuro das *bocainas*, e guerreiros acobreados, espadaúdos, montados em pequenos cavalos, com os estribos de *rodela* entre dois dedos dos pés, com *chiripás* de lã vermelha listrada, *tiradores* de couro bem sovado na cintura, caindo abaixo do joelho, com *boleadeiras* nos *tentos*, empunhando lanças enormes, ou brandindo espadas curvas afiadas, avançavam a galope em alarido infernal, sobre os nossos batalhões, meio desordenados já pelas cargas repetidas que davam, pelas linhas de atiradores que saíam, pelas fileiras que rareavam, pelos oficiais que morriam, pelos chefes que tombavam.

Sampaio fora ferido gravemente; o meu comandante também estava fora de combate.

A bandeira do 4º tremulava beijada pela amorosa brisa da Glória. O alferes Celso de Assis, jovem paraense, tinha a honra de carregá-la; estava orgulhoso, sorridente. Os cabos que a guardavam eram valentes como ele. Inclinou-se, de repente, o pavilhão glorioso, mas não chegou a cair. Ergueu-se de novo, mais belo e mais alto, flutuando sereno e manso, estendendo as largas dobras à direita e à esquerda, como que agradecendo àqueles que, abrigados à sua sombra augusta, derramavam o sangue, para que ela continuasse a tremular sempre imaculada.

Estava morto o querido Celso. Uma bala atravessou o talabarte e varou-lhe o coração. A haste escapou das mãos hirtas; a bandeira inclinou-se; ia cair. Um cabo levantou-a; outro cabo amparou o moço oficial, que morreu sem um ai.

O talabarte tinha, na altura do peito, um grande rombo, e o veludo verde, os galões de ouro tingiram-se de vermelho pelo sangue que jorrara abundante. Tiveste, amigo Celso, um glorioso fim. Se puderes, da mansão da glória descobrir o que passa na terra, verás o velho camarada derramar sobre a tua memória uma lágrima de saudade. Os batalhões avançavam; a artilharia rugia rápida, infatigável, a revólver; era um continuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas soavam a carga; lanças se enristavam, cruzavam-se as baionetas;

rasgavam-se os corpos sadios dos heróis; espadas brandidas a duas mãos como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crânios, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aqui; além, ouvia-se toque de assembléia e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camaradas de combate, de baioneta cruzada contra a cavalaria que vinha a galope: uma confusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia ao momento decisivo. O ataque mais forte fora à 3ª divisão que resistia heróica a dez mil homens de Diaz. Todos, modéstia à parte consideravam-na o escol do exército. Havia bem cinco horas que combatíamos sem cessar, e não estávamos fatigados. Não há tempo que corra tão ligeiro como o das batalhas.

De quem seria a vitória?

Surge, no seu belo cavalo de combate, o general Osório, com o largo chapéu de feltro negro, e ponche flutuante deixando ver a gola bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, e o olhar fascinante, dominando aquele cenário trágico da glória e da morte. Ouviu-se um viva retumbante. De todos aqueles lábios secos, daquelas gargantas roucas, saiu imenso, entusiástico, um viva ao general Osório! Tudo transformou-se ao tremular mágico de bandeirola da lança legendária. A nossa infantaria avançou galvanizada por aquele homem, imensamente amado, e levou de vencida, até as profundezas densas da mata, os guerreiros inimigos, que sobreviveram à horrorosa hecatombe.

A batalha estava ganha.

Alguns corpos destacaram linhas de atiradores, que tirotearam, friamente, até ao anoitecer.

A derrota foi completa. O campo de batalha ficou literalmente, juncado de inimigos mortos.

Lopez, empenhara, nesse dia, quase todo seu exército, e atirou-o contra nós por todos os lados. O ataque foi fulminante.

As forças eram quase iguais. Tínhamos, felizmente, à nossa frente, o grande Osório, que surgia como um semideus, nos momentos mais críticos, levando consigo a vitória. Ouvi, e narro com ufanía, soldados feridos, estorcendo-se nas vascas da agonia, levantarem-se a

meio, com a aureola da morte, dourando-lhes os cabelos empastados de sangue, murmurarem em voz desfalecida, quando ele passava: viva o general Osório! Viva Osório!

Soou, finalmente, o toque de *cessar fogo*. Eu estava numa linha de atiradores.

Recolhi com ela ao batalhão, que formava em coluna cerrada à beira de um laranjal. Quantos dos que jaziam para sempre debaixo daquela sombra amena, pensaram, exalando o último suspiro, nas flores daquelas laranjeiras e na morte das suas esperanças?

Quando acabou a batalha, tinha a minha blusa, única, rota na altura do ombro direito, por uma bala que passou triscando a pele. A espada estava partida pelo meio; e as botas, coturnos reiúnos trazidos do 1º regimento, tinham deixado as solas nos banhados.

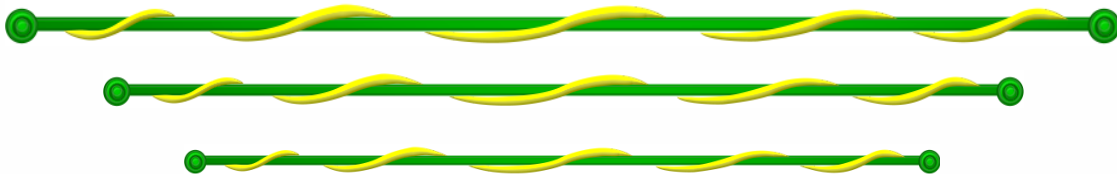
Era noite quando voltamos ao acampamento. Perto da minha barraca, estava estendido com os miolos de fora um amigo de infância, o tenente de voluntários Emygdio de Azevedo Monteiro.

Ajoelhei-me ao seu lado; apertei-lhe a mão gelada e dê-lhe um beijo de adeus na larga testa ensanguentada.

À porta da minha barraca, achei fincada no chão, uma espada de oficial, vermelha de sangue. Experimentei-a na bainha e serviu. Fique com ela, e com pesar, atirei fora o pedaço que restava da outra, a minha companheira mutilada. Nunca pude saber a quem pertencia; guardei-a, prometi honrá-la. Mais de cinquenta mil homens pelejaram nesse dia memorável. Lopez não empenhou na batalha todas as suas forças.

Mais de dez mil dos seus guerreiros estavam perto dos campos de Tuiuti, para as bandas de Humaitá. Esperando o que?

Os generais que guardam as tropas para o dia seguinte à batalha são sempre batidos, disse o maior dos generais.



Artigo publicado pela Revista "A Defesa Nacional" - Revista de Assuntos Militares, às páginas 247 a 250, edição de janeiro de 1932.

Brasília, DF, 24 de maio de 2022.

Compilado pelo Cap QAO R/1 Edmilson L Souza.



<http://www.suaaltezaogato.com.br>